

Testemunhas da pandemia: a História Oral como ferramenta de preservação da memória coletiva

Testigos de la pandemia: la Historia Oral como herramienta para preservar la memoria colectiva

Witnesses to the pandemic: Oral History as a tool for preserving collective memory

ROSÂNGELA MOURA SAMANIEGOⁱ  

Resumo: A pandemia da COVID-19 impôs desafios inéditos à educação, exigindo novas formas de registro e compreensão dessa experiência. Este artigo propõe a utilização da História Oral como metodologia a ser adotada pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Sant'Ana, localizada no município de Rio Grande/RS, com o intuito de preservar a memória coletiva do período pandêmico. A escolha pela História Oral fundamenta-se na premissa de que essa abordagem poderá relatar, com fidelidade, os sentimentos e vivências da comunidade escolar. A obra Evidência da História, de François Hartog, sustenta o referencial teórico ao destacar o papel da testemunha como fonte histórica, cuja narrativa demanda análise crítica no contexto historiográfico. O estudo busca, assim, refletir sobre o potencial da História Oral como ferramenta metodológica para a construção da memória histórica em ambientes educacionais.

Palavras-chave: Educação Pública. Memória Coletiva. Pandemia da COVID-19.

Resumen: La pandemia de COVID-19 impuso desafíos sin precedentes a la educación, exigiendo nuevas formas de registrar y comprender esta experiencia. Este artículo propone el uso de la Historia Oral como metodología que será adoptada por la Escuela Municipal de Enseñanza Fundamental Sant'Ana, ubicada en el municipio de Rio Grande/RS, con el objetivo de preservar la memoria colectiva del período pandémico. La elección de la Historia Oral se basa en la premisa de que este enfoque puede relatar con fidelidad los sentimientos y vivencias de la comunidad escolar. La obra La evidencia de la historia, de François Hartog, sustenta el marco teórico al destacar el papel del testigo como fuente histórica, cuya narrativa exige un análisis crítico dentro del contexto historiográfico. El estudio busca así reflexionar sobre el potencial de la Historia Oral como herramienta metodológica para la construcción de la memoria histórica en contextos educativos.

Palabras clave: Educación Pública; Memoria Colectiva; Pandemia de COVID-19.

Abstract: The COVID-19 pandemic has imposed unprecedented challenges on education, requiring new ways of recording and understanding this experience. This article proposes the use of Oral History as a methodology to be adopted by the Sant'Ana Municipal Elementary School, located in the city of Rio Grande/RS, with the aim of preserving the collective memory of the pandemic period. The choice of Oral History is based on the premise that this approach can faithfully convey the feelings and experiences of the school community. The book Evidence of History, by François Hartog, supports the theoretical framework by highlighting the role of the witness as a historical source, whose narrative requires critical analysis within the historiographical context. The study thus

ⁱ Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Especialista (2004) em Pedagogia Gestora pela Universidade Facvest e Especialista (2011) em Mídias Integradas à Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. Licenciada (2000) em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, pela FURG. Supervisora Pedagógica na Rede Pública Estadual de Educação e Professora de Arte na Rede Municipal de Educação no município de Rio Grande.

seeks to reflect on the potential of Oral History as a methodological tool for building historical memory in educational settings.

Keywords: Collective Memory; COVID-19 Pandemic; Public Education.

Considerações iniciais

A pandemia da COVID-19¹ impôs desafios significativos ao sistema educacional global, levando à necessidade urgente de adaptações nos currículos e nas metodologias de ensino. Em um cenário de incertezas e restrições, escolas tiveram que repensar suas práticas pedagógicas, não apenas para garantir a continuidade do aprendizado, mas também para lidar com os impactos emocionais, sociais e psicológicos provocados pela crise. Nesse contexto, é essencial refletir sobre o papel da História na educação, especialmente no que se refere à sua função social, que envolve a preservação e a ressignificação da memória coletiva das comunidades afetadas.

Entre as funções da História, destaca-se a crítica, que contribui na construção de sentidos e auxilia na compreensão e processamento de momentos de crise, como a pandemia da COVID-19. Ela não apenas permite que as gerações atuais compreendam eventos passados, mas também oferece uma ferramenta essencial para interpretar e dar significado às experiências vividas no presente, como a crise sanitária global. De acordo com Seignobos (1907), *apud* Antonie Prost, “o homem instruído pela História por ter conhecido um grande número de transformações e até mesmo revoluções no passado, já não fica estarecido diante de acontecimentos semelhantes no presente” (Prost, 2008, p. 264). Dessa forma, a História nos capacita a perceber padrões e a refletir sobre as lições do passado, promovendo uma compreensão mais profunda e uma maior resiliência diante dos desafios que surgem.

Um evento histórico como a pandemia precisa ser contado pelas vozes daqueles que o vivenciaram diretamente no “chão da escola”, trazendo à tona as experiências e os sentimentos que marcaram esse período. A pandemia foi um tempo de angústia e adaptação a uma nova realidade, e, em meio a tudo isso, a Educação não parou. Assim, ouvir e registrar as experiências desse período representa um compromisso fundamental com a preservação da História e da Memória desse tempo, que se constituiu como um divisor de águas na Educação.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a proposta metodológica a ser adotada pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Sant'Ana, localizada no município de Rio Grande/RS, para preservar a memória da pandemia. A escola propõe a utilização da História

Oral como metodologia, por meio da coleta de depoimentos que comporão o recorte analítico e metodológico da pesquisa, com o objetivo de registrar e analisar as experiências vividas no ambiente escolar durante esse período crítico.

De acordo com Paul Thompson:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (Thompson, 1992, p. 17 *apud* Matos; Sena, 2011, p. 103).

Os depoimentos dos entrevistados ajudarão a entender de maneira mais aprofundada os impactos da pandemia na comunidade escolar. Halbwachs (1920), *apud* Peter Burke, afirma que “as memórias são constuídas por grupos sociais. São os indivíduos que lembram, no sentido literal, físico, mas são os grupos sociais que determinam o que é ‘memorável’ e também como será lembrado” (Burke, 2000, p. 70). A escolha dessa metodologia deve-se à sua capacidade de captar narrativas subjetivas e experiências pessoais, que são essenciais para entender os impactos da pandemia sob a perspectiva daqueles que vivenciaram o período educacionalmente.

Para José Meihy e Suzana Ribeiro, a “História Oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e segue com a definição do grupo de pessoas a serem entrevistadas” (Meihy; Ribeiro, 2011, p. 17). O grupo escolhido para esta pesquisa será composto por professores e alunos. A escolha desses entrevistados se justifica pelo fato de os estudantes serem os principais agentes do processo de aprendizagem, enquanto os professores atuam como mediadores do conhecimento nesse processo. A interação entre esses dois segmentos possibilita a construção colaborativa do ensino-aprendizagem. Embora outros segmentos da comunidade escolar, como gestores, funcionários e pais, desempenhem papéis importantes na educação, para esta análise, consideramos os professores e os alunos como os principais envolvidos diretamente no contexto da sala de aula e nos impactos mais significativos durante a pandemia. O recorte temporal do estudo abrangerá os anos de 2020 a 2023. Em 2020, a pandemia da COVID-19 impactou diretamente o sistema educacional, resultando na adoção do ensino remoto e em diversas adaptações no processo de ensino-aprendizagem. Nos anos

subsequentes, de 2021 a 2023, foram vivenciadas as consequências desse período, incluindo desafios na recuperação da aprendizagem.

Este estudo antecede a análise das entrevistas e busca esclarecer o processo de coleta e interpretação das narrativas. A História Oral, ao reunir depoimentos dos indivíduos que viveram a pandemia, permite que suas vivências e sentimentos sejam preservados e analisados. No entanto, a interpretação dessas narrativas exige um olhar atento e estruturado, capaz de extrair as nuances das experiências relatadas e contextualizá-las de maneira adequada. As entrevistas serão estruturadas a partir de um roteiro que servirá como guia para direcionar as narrativas. De acordo com Cannel e Kahn (1974), *apud* Zélia Alves e Maria Helena Silva (2002), pesquisas de natureza qualitativa que utilizam entrevistas semiestruturadas, baseadas em um roteiro com tópicos gerais cuidadosamente selecionados, facilitam a abordagem uniforme dos temas com todos os entrevistados, contribuindo para a condução eficaz das entrevistas.

A análise e sistematização dos dados será realizada à luz dos preceitos de Zélia Alves e Maria Helena Silva. Segundo as autoras, ao conduzir a análise qualitativa, o pesquisador é levado a revisitar seus pressupostos, orientando-se por três aspectos centrais:

As questões advindas de seu problema de pesquisa (o que ele indaga, o que quer saber); 2 - As formulações da abordagem conceitual que adota (gerando polos específicos de interesse e interpretações possíveis para os dados); e 3 - A própria realidade sob estudo (que exige um 'espaço' para mostrar suas evidências e consistências). O momento de sistematização, é pois um movimento constante, em várias direções: das questões para a realidade, desta para a abordagem conceitual, da literatura para os dados, se repetindo e entrecruzando até que a análise atinja pontos de 'desenho significativo de um quadro', multifacetado sim, mas passível de visões compreensíveis (Alves; Silva, 2002, p. 61).

A análise de conteúdo deve ir além da transcrição, enfatizando a interpretação das histórias à luz do contexto histórico e social dos entrevistados. François Hartog (2011) posiciona a testemunha como uma fonte histórica rica, porém complexa, cuja contribuição precisa ser equilibrada com uma análise crítica. A relação entre historiador e testemunha evoluiu ao longo do tempo, especialmente após eventos como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, quando os testemunhos de sobreviventes se tornaram essenciais para compreender o sofrimento humano. A História Oral, que emergiu como uma metodologia relevante a partir

da década de 1970, organiza essas memórias, reconhecendo que, embora subjetivos, os testemunhos podem ser fontes legítimas quando analisados criticamente.

Para ampliar a compreensão sobre o papel da testemunha na construção da História, é fundamental analisar como essa figura foi valorizada ao longo do tempo. François Hartog (2011) propõe uma reflexão relevante sobre as transformações desse papel ao longo dos séculos. A seguir, serão exploradas algumas de suas ideias sobre o lugar da testemunha na historiografia, desde a Antiguidade até a contemporaneidade, com destaque para o contexto das grandes tragédias do século XX, como a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto, que evidenciaram a importância dos relatos pessoais na preservação da memória histórica.

A relação entre historiador e testemunha

O Capítulo V do livro *Evidência da História*, de François Hartog (2011), intitulado *A Testemunha e o Historiador*, examina as relações entre a testemunha e o historiador, destacando como suas funções e interações se transformaram ao longo do tempo. No período de Heródoto e Tucídides, o foco do historiador grego era "adiar o esquecimento" de grandes momentos ou fornecer uma ferramenta interpretativa para o futuro. No entanto, a testemunha não era essencial para transmitir uma experiência específica com fidelidade. Isso sugere que a figura da testemunha ocupava um papel secundário na historiografia grega:

O historiador grego pretendia adiar o esquecimento dos grandes momentos (Heródoto), ou fornecer uma ferramenta que permitisse não prever, mas compreender, no futuro, o que vai acontecer (Tucídides); no entanto, sua tarefa ou missão não era, de modo algum, transmitir, da forma mais fidedigna possível, uma experiência a preservar como tal, em sua singularidade. É somente como os primeiros cristãos, na virada do 1º século de nossa era, que a testemunha se torna indispensável, crucial para o estabelecimento e a validação de uma cadeia de tradição (Hartog, 2011, p. 216).

Com os primeiros cristãos, a testemunha se torna "indispensável" para validar a tradição e estabelecer a continuidade da fé. A transformação está ligada à necessidade de garantir a autenticidade e legitimidade da revelação divina e seus relatos. A testemunha passa a ser uma figura central para preservar a singularidade de uma experiência, como por exemplo, os apóstolos como testemunhas da ressurreição de Cristo. Essa ideia de testemunha, no entanto, já tinha origens no judaísmo antes de ser reinterpretada no cristianismo:

A testemunha é, com efeito, uma figura importante na Bíblia: testemunha que vê ou escuta, testemunha que certifica e é fiador, testemunha que depõe perante o tribunal. O livro de Deuterônimo fixa, assim, a famosa regra (à qual faz alusão) das duas testemunhas no mínimo necessárias para acusar uma pessoa (Hartog, 2011, p. 217).

Dentro desse contexto das religiões baseadas em textos sagrados e revelações, o conceito de testemunha passou a ser mais central e ganhou novos rumos. Ele passa a carregar um peso muito maior, se tornando essencial para legitimar a tradição. E isso acabou influenciando profundamente a forma como vemos a figura da testemunha nos tempos modernos, pois “desde o instante em que se penetra no espaço das religiões reveladas [...], a própria concepção da testemunha não pode permanecer indene e, aliás, vai acabar marcando profundamente a figura moderna da testemunha (Hartog, 2011, p. 217).

Com o Renascimento, a história ganha características mais seculares e científicas. O papel da testemunha diminui em relevância, sendo substituído pela crítica documental e análise de registros escritos e oficiais. A testemunha é vista com desconfiança, já que a memória pessoal é considerada falível e parcial. No século XIX, com a ascensão do positivismo, a história é concebida como uma ciência rigorosa, baseada em documentos e evidências materiais. A testemunha viva quase desaparece como fonte confiável, sendo substituída por arquivos e registros formais. Essa visão reflete o afastamento da subjetividade e da memória individual:

Quando, no século XIX, a história torna-se ciência, ciência do passado, resta-lhe tão somente declarar que ela se faz com "documentos", sublinhando - na esteira de Langlois e Seignobos - que a "autenticidade", noção "pedida de empréstimo à linguagem judicial, diz respeito unicamente à proveniência e não ao conteúdo do documento", além de definir que uma ciência constituída só pode aceitar "a transmissão escrita" (Langlois; Seignobos, 1898 *apud* Hartog, 2011, p. 222).

Mas, no século XX, a partir da Segunda Guerra Mundial e, especialmente, com o Holocausto, a testemunha ressurge como uma figura central na historiografia. O julgamento de Eichmann em, 1961, representou uma nova abordagem na relação entre história, memória e justiça, elevando a importância da voz das vítimas na preservação da memória coletiva e no enfrentamento do negacionismo. No século XXI, a memória, incluindo os testemunhos, tornou-se uma espécie de mercadoria e objeto de sacralização. “Ela é amplamente disseminada, muitas vezes de maneira fragmentada, formatada, estilizada e exaustiva, circulando na internet, como

verdadeira história da época” (Hartog, 2013, p. 226). O historiador enfrenta o desafio de lidar com essa memória "escapando" ao controle dos métodos historiográficos tradicionais.

Após períodos de desvalorização, as testemunhas voltaram a ocupar um lugar central na construção historiográfica contemporânea. Sobreviventes de genocídios, guerras e traumas coletivos tornam-se vozes essenciais para dar sentido ao sofrimento e assegurar que esses eventos não sejam esquecidos. Hartog (2011) explora como a experiência de sobrevivência, especialmente no caso do Holocausto, tornou-se uma base para narrativas históricas e identitárias:

Arrastada pela agitação subliminar da memória, a testemunha - entendida, por sua vez, como portadora de memória - impôs-se, gradualmente, em nosso espaço público; ela é reconhecida e procurada, além de estar presente e, até mesmo, à primeira vista, onipresente. A testemunha, qualquer testemunha, mas, acima de tudo, a testemunha como sobrevivente: a pessoa que o latim designava precisamente por *superstes*, ou seja, alguém que está firmado sobre a própria coisa, ou alguém que ainda subsiste (Benveniste, 1969, p. 276, *apud* Hartog, 2013, p. 204).

François Hartog (2011) discute a separação entre as funções do historiador e da testemunha, argumentando que o historiador deve manter uma distância crítica em relação às narrativas das testemunhas. A testemunha, chamada, em grego, *martur*, é vista como alguém que relata experiências diretas e oferece legitimidade e memória ao passado. O historiador, por outro lado, precisa analisar criticamente os relatos das testemunhas, considerando múltiplas perspectivas e adotando um olhar distanciado. Conforme Hartog:

A testemunha não é um historiador, e o historiador - se ele pode ser, em caso de necessidade, uma testemunha - não deve assumir tal função; e sobretudo ele só é capaz de começar a tomar-se historiador ao manter-se à distância da testemunha, qualquer testemunha, incluindo ele mesmo (Hartog, 2011, p. 203).

O historiador trabalha com distanciamento crítico. Sua tarefa é interpretar, analisar e contextualizar os eventos a partir de múltiplas fontes, incluindo testemunhos, documentos e outros registros. Ele busca construir uma narrativa histórica que vá além das experiências individuais. Já testemunha é uma fonte primária, alguém que vivenciou diretamente os acontecimentos e narra sua experiência pessoal. Sua contribuição está na autenticidade e na memória subjetiva do evento.

História e Memória

O Capítulo I, da primeira parte do livro *Evidência da História*, de François Hartog (2011) intitulado *Memória e História*, discute como a memória e a história, embora inicialmente compartilhando o objetivo de preservar o passado, desenvolveram abordagens diferentes. A memória é subjetiva, emocional e frequentemente ligada ao presente, enquanto a história busca ser analítica e objetiva, baseando-se em documentos e evidências verificáveis. François Hartog (2011) destaca que a memória não é apenas individual, mas também coletiva, e desempenha um papel importante na formação de identidades sociais. A memória social refere-se ao conjunto de lembranças compartilhadas por um grupo ou sociedade. É moldada por experiências coletivas e transmitida ao longo do tempo, influenciando a identidade cultural e histórica de comunidade.

Desde o início de suas Histórias, Heródoto, o pai da história ocidental, estabelece, de fato, que ele pretende salvar do esquecimento as marcas (pelo menos, as "grandes") da atividade dos homens (erga megala). Diante da imutabilidade da natureza e à imortalidade dos deuses, a palavra/fala [parole] do historiador assume o encargo desses vestígios fundamentalmente efêmeros, os quais são fixados por sua escrita. Sucessor do aedo épico, ele aspira a se apresentar como "senhor" da imortalidade (Hartog, 2011, p. 26).

A menção ao trabalho de Heródoto em salvar do esquecimento as "marcas da atividade dos homens" demonstra um esforço de transformar experiências individuais ou locais em um patrimônio coletivo, integrando-as à memória de um grupo maior. De acordo com François Hartog (2011), a valorização ou desvalorização de determinadas narrativas de testemunhas está relacionada ao poder, às disputas de memória e à maneira como sociedades escolhem lembrar ou esquecer certos eventos. Isso demonstra como a memória social é construída, contestada e, por vezes, manipulada.

Uma forma de organizar as memórias, servindo como base e referência para diversos estudos, é por meio dos registros de narrativas orais. A partir da década de 1970, houve um aumento no interesse pela história oral, evidenciado por obras como *Ces voix qui nous viennent du passé* (Philippe Joutard) e *The Voice of the Past* (Paul Thompson). Esses trabalhos destacaram a importância de registrar as vozes do passado como forma de preservar memórias. No entanto, houve resistência entre alguns historiadores, como Pierre Goubert, que criticaram

a história oral, associando-a a relatos pessoais que poderiam ser vistos como pouco rigorosos ou "bisbilhotices". Mas nenhuma fonte seja ela oral, escrita ou visual está livre de manipulação.

Para Voldman (1992), *apud* François Hartog (2011), “alguns historiadores, especialmente os que trabalham com história contemporânea, começaram a aceitar a história oral, com a condição de tratá-las como fontes orais” (Hartog, 2011, p. 226). Isso significa que os testemunhos são tratados como evidências, sujeitos à mesma análise crítica que documentos escritos ou outros registros.

Testemunhas da pandemia

Como podemos ver nas seções anteriores, na contemporaneidade, as testemunhas ocupam um lugar de destaque na historiografia. Neste sentido, conforme Julia Matos e Adriana Senna, “a fonte oral pode trazer uma dimensão viva ao estudo histórico, oferecendo novas perspectivas, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos” (Matos; Senna, 2011, p. 95-108). Esse tipo de fonte permite captar nuances e experiências que não seriam totalmente expressas apenas por dados quantitativos ou documentos oficiais.

As entrevistas a serem realizadas com professores e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Sant'Ana terão como objetivo principal captar as experiências e percepções desses indivíduos sobre o impacto da pandemia no ambiente escolar. Para isso, será adotada uma abordagem semiestruturada, permitindo que os participantes compartilhem suas vivências de maneira aberta, ao mesmo tempo em que serão guiados por um conjunto de perguntas que abordarão diferentes aspectos da realidade escolar durante esse período.

As perguntas das entrevistas serão formuladas para explorar tanto o impacto imediato da pandemia no ensino e aprendizado quanto as estratégias de adaptação adotadas pela escola e pelos docentes. As questões abordarão aspectos como a mudança nas metodologias de ensino, a utilização de recursos tecnológicos, a gestão do ensino remoto, e os desafios emocionais e sociais enfrentados pelos alunos e professores. Perguntas como 'Como foi a sua rotina durante o isolamento social? Quais sentimentos esse período despertou em você?'; 'Quais foram os principais desafios que você enfrentou durante o ensino remoto?' ou 'Como você percebe a adaptação dos alunos durante esse período?' ajudarão a entender as dificuldades e as estratégias

adotadas para contornar as limitações impostas pela pandemia, captando não apenas os aspectos acadêmicos da experiência escolar, mas também os impactos psicológicos e sociais, fundamentais para a compreensão ampla dos efeitos da pandemia na comunidade escolar.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos refletir sobre a escolha metodológica, de uma escola pública de educação básica para manter viva a História da pandemia, e como a História Oral pode ser uma ferramenta valiosa para a preservação da memória coletiva desse período. Através das entrevistas com professores e alunos, será possível captar as experiências vividas no contexto escolar durante e após a crise sanitária, permitindo que suas vozes contribuam para a construção de uma narrativa histórica que vai além dos dados quantitativos e documentos formais. De acordo com Antonie Prost, “o dever da memória é valorizado incessantemente: mas, recordar um acontecimento é totalmente inócuo e não contribui para reproduzi-lo, se ele não for explicado” (Prost, 2008, p. 272).

Assim ao escolher a História Oral como metodologia para nortear a pesquisa da escola Sant`Ana, o objetivo não é apenas registrar o fato histórico e preservar a memória da pandemia, mas, sobretudo, analisá-la criticamente, buscando compreender seus desdobramentos sociais e políticos. Essa análise é essencial para que possamos não apenas rememorar os acontecimentos, mas também refletir sobre suas causas, consequências e implicações para o futuro. Ao adotar essa metodologia, procura-se preservar a memória da pandemia para além dos números e relatórios, destacando as vivências individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos.

As entrevistas que serão realizadas com a comunidade escolar evidenciarão a importância de ouvir diretamente os afetados, pois suas histórias não apenas revelarão os desafios enfrentados, mas também as estratégias de resistência e adaptação que surgiram durante a pandemia. Como ressalta Seignobos (1907), *apud* Antonie Prost (2008), “o homem instruído pela história sabe que a sociedade pode ser transformada [...] tal conhecimento lhe confere o sentimento de seu poder e a consciência de seu dever” (Prost, 2008, p. 265).

Esse entendimento reforça o papel da História, enquanto disciplina, não apenas como ferramenta para preservar o passado, mas também como meio de refletir criticamente sobre o presente e o futuro, incentivando a ação transformadora diante das adversidades. A memória

social, especialmente em tempos de crise, precisa ser constantemente preservada e recontextualizada, não apenas para compreender os eventos passados, mas também para lidar com as transformações pelas quais a sociedade passa. Ao manter viva essa memória, evitamos que as lições aprendidas durante períodos críticos, como a pandemia, se percam, e contribuimos para a construção de um futuro mais consciente e resiliente, no qual as experiências coletivas e individuais sejam valorizadas na formação das novas gerações.

Referências

ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena G. F. Dias da. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 55, n. 6, p. 758-764, nov./dez. 2002.

BURKE, Peter. História como Memória Social. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

HARTOG, François. A Testemunha e o Historiador. In: HARTOG, François. **Evidências da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p.203-228.

MATOS, Julia; SENNA, Adriana. K. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Salgado Ribeiro. **Guia Prático de História Oral: para empresas, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.

PROST, Antonie. Verdade e função social da História. In: PROST, Antonie. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 253-272.

Notas

ⁱ O ano de 2020 foi marcado pela pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2, um tipo de coronavírus responsável por uma Síndrome Respiratória Aguda Grave. Esse vírus pertence à família dos coronavírus, que inclui outros patógenos como o SARS-CoV. O "2" em seu nome indica que é o segundo vírus dessa categoria associado a um surto de síndrome respiratória grave. Identificado pela primeira vez em 2019, na cidade de Wuhan, na China, o SARS-CoV-2 rapidamente se espalhou pelo mundo, resultando na pandemia da COVID-19. Devido à gravidade da COVID-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou o isolamento social, levando governantes a fecharem escolas e universidades.